

Eminentíssimo Sr. Cardeal Arcebispo de Brasília,
Queridíssimo Dom Sérgio, nosso bom pastor,

Permita-me partir de uma experiência pessoal. Na primeira leitura da missa de quarta-feira, víamos São Paulo em Mileto a despedir-se dos presbíteros ou anciãos da comunidade de Éfeso, onde tinha passado três anos. Ele dizia: “Cuidai de vós mesmos e de todo o rebanho, sobre o qual o Espírito Santo vos colocou como guardas, para pastorear a Igreja de Deus, que ele adquiriu com o sangue do seu próprio Filho” (At. 20, 28).

Nesta missa de ação de graças pelo seu ministério na Igreja de Brasília, nós, os bispos e padres que aqui ficamos, nos sentimos chamados “a cuidar de todo o rebanho” na esteira do que o senhor nos deixa como herança.

Poderia enumerar as orientações prudentes e sábias, o zeloso magistério episcopal, o cuidadoso trabalho de planificação pastoral, o generoso esforço por realizar as visitas pastorais missionárias – que tanto fruto deram! –, a serena resolução de problemas delicados e difíceis, as inúmeras paróquias criadas, os padres e bispos que ordenou, as liturgias animadas pelo espírito de fé, enfim... as suas incontáveis obras de bom pastor. Mas elas todas encontram sua fonte no seu coração de bispo zeloso e de incansável trabalhador em prol da vinha do Senhor.

Vê-lo trabalhar incansavelmente – Dom Sérgio, é quase impossível imitá-lo! – tem sido uma escola de amoroso serviço à Igreja. Agora, ao menos neste período de espera do novo Arcebispo, sentimos aquelas palavras de Paulo como que dirigidas pelo senhor a nós e aos presbíteros da amada Igreja de Deus em Brasília. Aprendemos nesse tempo que o sentido do nosso serviço sacerdotal, episcopal, se encontra precisamente em “pastorear esta Igreja de Brasília, que ele adquiriu com o sangue do seu próprio Filho”. O seu testemunho não foi apenas o de um organizador – que de fato é – mas o de um homem enamorado pela Esposa de Cristo, de um Bispo que não se dá tréguas quando se trata de “apascentar o rebanho de Cristo”. Acompanhá-lo foi para nós um intenso aprendizado de pastoreio.

O Papa Francisco, na última visita *ad limina*, nos disse que o primeiro trabalho do bispo é a oração. Mas nós, seus bispos auxiliares, já tínhamos aprendido isso nas nossas reuniões de quarta-feira. Quando tratávamos de questões espinhosas, às vezes ouvíamos a sua discreta confiança: “passei a noite na capela rezando por isso...”, “levei estes papéis para trabalhar diante do sacrário...”, e tudo se resolvia como se fossem coisas bem simples. No trabalho conjunto, aprendemos o significado prático de termos como “sinodalidade”, “comunhão”, “colegialidade”.

Dom Sergio, na reunião de Mileto, Paulo confiava aos presbíteros de Éfeso: “lembrai-vos de que durante três anos, dia e noite, com lágrimas, não parei de exortar a cada um em particular”. Quanto aprendemos nas nossas reuniões das quartas-feiras na residência do Arcebispo. Confiava-nos tarefas, ajudava-nos a formar critérios, a atuar com prudência, a tratar cada sacerdote ou diácono com o amor e o respeito devidos, ouvia as nossas sugestões, procurava envolver-nos nas

suas preocupações de pai e pastor, a lembrar sempre que temos os tesouros de Cristo nas mãos... tivemos uma verdadeira escola de serviço episcopal.

O nosso clero, Dom Sergio, também é testemunha da sua criteriosa condução da vida pastoral. Também experimentou o cuidado pessoal que o Arcebispo tratava cada um. Descobriu na relação com o seu Arcebispo a amizade e a misericórdia, sempre pronto a incentivar os cansados, a confortar os que sofrem, a corrigir com suavidade e verdade quem necessitava. Na sua grande experiência como formador de padres, o senhor voltou os olhos com especial cuidado para os seminários. Os diáconos permanentes, em boa parte ordenados pelo senhor, sentem-se compreendidos na sua vocação e valorizados no seu desempenho pastoral.

Não fugiu aos nossos olhos, prezado Dom Sérgio, que a sua dedicação sempre foi acompanhada por um desapego completo. No seu estilo de vida, vemos um homem que cuida das coisas de Deus como administrador fiel. “Não cobicei prata, ouro ou vestes de ninguém”. Estas palavras de Paulo, que o senhor nunca pronunciou referidas a si mesmo, nós a vemos impressas na sua conduta. Permita-me fazer uma indiscrição: Dom Marcony e eu somos testemunhas de que nunca acumulou as doações que recebeu. Fiel ao seu moto episcopal “*Omnia in caritate!*”, sempre as usou generosamente na caridade paterna com os filhos em dificuldades. Sei que esta minha indiscrição o deixa embaraçado. Mas gostaria de dizer que de todos os bispos que conheci nesses anos de ministério, o senhor está entre os que mais a sério levam a virtude da pobreza, destinando aos pobres o que lhe vem nas mãos.

Como não lembrar do dia em que saiu a notícia de que o Santo Padre o tinha escolhido para ser cardeal? No curso de uma visita pastoral missionária, o senhor foi surpreendido pela notícia entre os pobres que estavam desabrigados por causa das chuvas. Atendeu com cortesia aos jornalistas que o encontraram e simplesmente continuou a visita até o fim. Seu desapego a honrarias e a cargos bem se harmonizam com a sua consciência da responsabilidade pastoral.

A teologia católica nos ensina que alguns sacramentos imprimem na alma um caráter indelével. A experiência nos ensina que também há pessoas que deixam uma marca indelével por onde passam. A sua passagem por Brasília imprime nessa Igreja um caráter indelével. Não só fica registrada nos anais da história da Arquidiocese, fica marcada no modo de viver a missão da Igreja. Acrescenta às marcas deixadas pelos Arcebispos que o precederam, alguns sinais que ficarão impressos na memória do povo: a afabilidade simples e atenciosa que lhe permite ser próximo de todos; a capacidade de manter a serenidade e o bom humor mesmo ao tratar os assuntos mais difíceis; a hospitalidade e o acolhimento; a capacidade de reconhecer qualidades humanas e espirituais nas pessoas que o cercam. Um traço muito particular de humanidade ímpar: a memória do bem que vê acontecer e enorme capacidade de agradecer sem esquecer ninguém.

Para a sua despedida, Dom Sérgio, teríamos gostado de ver a Catedral apinhada de gente das nossas comunidades, de irmãos e irmãs da vida consagrada, o presbitério repleto de padres e diáconos. Quantos desses últimos ordenados pelo senhor... Tenha, contudo, a certeza de que nós preferiríamos não ter que nos

despedir do senhor. Mas sabemos que o seu amor filial à Igreja o faz dizer sim de coração quando o Santo Padre o chama para uma nova missão. Assim tem sido sempre. De São Carlos para Fortaleza, de Fortaleza para Teresina, de Teresina para Brasília, e agora, de Brasília para Salvador. Filhos amorosos da Igreja, acompanhamos a sua ida para Salvador com a nossa oração, com a nossa sincera amizade, porque – ainda que nos custe a despedida – sabemos que se trata de cumprir a vontade de Deus. E sabemos que o senhor faz suas as palavras de Jesus, “o meu alimento é fazer a vontade do Pai”. Hoje a Catedral de Brasília não se resume a este edifício, está onde estão as pedras vivas da Igreja de Brasília, nas casas de onde muitos nos acompanham pelas redes sociais e pelas emissoras de rádio e televisão. Se este tempo difícil nos impede um abraço presencial, não nos impede de transformar em abraço o acolhimento do tesouro que o seu ministério como Arcebispo de Brasília nos deixa e de manifestar a mais profunda gratidão por ter sido nesses anos, pai e irmão, pastor e amigo.

Dom Sérgio, permita-me voltar ao texto dos Atos dos Apóstolos a que aludia. Como Paulo aos Efésios, o senhor nos deixa um tesouro nas mãos, depois de ter passado, não três, mas quase nove anos entre nós: “Agora – diz Paulo – entrego-vos a Deus e à mensagem de sua graça, que tem poder de edificar e dar a herança a todos os que foram santificados” (Ef. 20, 32).

Querido Sr. Cardeal, querido nosso Arcebispo, Deus lhe pague pela sua presença em nossas vidas e em nossa Igreja. Deus derrame uma profusão de bênçãos do Espírito Santo sobre o serviço que iniciará na Igreja Soteropolitana. Que Nossa Senhora Aparecida o guarde sempre, que Santa Dulce dos Pobres esteja ao seu lado.

Muito obrigado, Dom Sérgio.

Brasília, 30 de maio de 2020.

Solenidade da Dedicção da Catedral Metropolitana de Brasília.

+José Aparecido Gonçalves de Almeida, seu auxiliar.